

humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O facto de Mário de Carvalho fazer da sua obra um confronto com os grandes enigmas (como seja o Tempo, desde logo), faz dele um escritor que renuncia a concessões, para adotar um compromisso difícil e elevado. É por isso que o seu nome se situa, sem favor, na senda de outros que, antes dele, nobilitaram a Literatura, entendendo-a essencialmente como forma de interrogação inquietante e mobilizadora.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

Silva, Markus Figueira da: *Epicuro: Sabedoria e Jardim*, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2003, 122 pp. Apresentação de Elena Moraes Garcia.

O livro de Markus Figueira da Silva resulta de uma tese de doutoramento defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada por Elena Moraes Garcia. Consta de seis capítulos, sendo o primeiro uma introdução e o último a conclusão. A ordenação dos capítulos obedece a uma sequência clara e lógica, estudando sucessivamente as concepções de Epicuro sobre a natureza (*phýsis*) (Capítulo 2), o corpo (*sárkos*) (Capítulo 3), a alma (*psyché*) (Capítulo 4) e, por fim, a ética (*éthos*) (Capítulo 5). O seu objectivo é circunscrito: “a partir da leitura dos textos e das suas respectivas traduções, [...] tecer uma análise interpretativa com a intenção de apresentar a noção de equilíbrio, articulada enquanto questão fundamental do pensamento epicúreo” (p. 19).

O livro apresenta sucintamente as fontes textuais para o estudo do pensamento de Epicuro (pp. 18-19), refere algumas das traduções disponíveis e, em notas, diversos aspectos da bibliografia secundária. Especialmente para o caso do conceito central do prazer, são úteis as breves comparações que esboça com o pensamento de Platão, Aristóteles e os Cirenaicos. Em geral, trata-se de uma exposição que, sem se perder na complexidade da análise filológica, apresenta uma visão panorâmica sobre o pensamento de Epicuro, recorrendo, quando necessário, também ao auxílio de textos de Demócrito ou Lucrécio.

Delimitado este quadro de abordagem, Markus Figueira apresenta o epicurismo como um percurso filosófico completo em si mesmo, que faz ligar, nos dois extremos da filosofia, uma concepção materialista e atomista da natureza a uma concepção da vida boa, decorrente da natureza e a esta

adequada. O livro mostra-nos como, por um lado, a pura materialidade diurna da natureza liberta e produz o bem. Por outro lado, o bem é somente o resultado desta materialidade da vida, que não é senão corpórea.

A concepção atomista de Epicuro liberta, por esta via, a natureza de forças ou de deuses desconhecidos, cuja intervenção no curso das coisas tornam os seus processos e resultados ocultos. Como consequência desta libertação da natureza, o atomismo liberta também a vida humana de um jugo de crenças, de medos e de esperanças infundados, bem como de intervenções arbitrárias. E liberta, finalmente, da própria morte. Esta, conquanto não experienciável, é inexistente. O “quádruplo remédio” da filosofia do jardim para a liberdade e a felicidade reza: “não há nada a temer em relação aos deuses. Não há nada a temer em relação à morte. O prazer é fácil aquisição. A dor é passível de ser suportada” (p. 80).

Dotada duma concepção integral do que há e do que há a esperar, a filosofia é um saber da harmonia integral entre o *ethos* humano e a natureza física, dentro e fora do homem, e, para Epicuro, a filosofia não é especulação com um interesse apenas teórico, mas só pode ser “um saber para a vida” (p. 16).

Na medida em que a vida não é mais do que átomos em movimento, simples natureza corpórea, e que todo o saber não mais que a representação fantasmática, na alma material, dos átomos da natureza e do seu movimento natural, deve-se concluir que o bem para o homem é também material e natural. Como mostra Markus Figueira da Silva, o “prazer é o bem, a expressão maior da tranquilidade, da liberdade e da felicidade” (ib.). Procurando desfazer uma concepção comum que confunde o prazer epicurista com a demanda sem freio da excitação mais imediata dos sentidos, excitação que só pode culminar na incapacidade de distinção entre prazer e dor, Markus Figueira conduz-nos pelo percurso do jardim que vê no prazer, pelo contrário, unicamente o “equilíbrio interno e externo do homem” (ib.). Este equilíbrio é a “autarquia”, estado de autonomia que permite levar uma vida plasmada “segundo o natural e o necessário” (p. 17) e que não se deixa arrastar como reacção a estímulos que “a fazem re-agir ou sofrer” (p. 86), perdida num mar de provocações, excitações e reacções.

A compreensão atomística da *phýsis* localiza a totalidade do ser na natureza, que compreende exclusivamente átomos e vazio. Os átomos são puro ser, impenetrável, inalterável, indestrutível e imperecível, o vazio é somente a condição do seu movimento, multiplicidade e configuração, que permite explicar a natureza como universo de compostos atômicos (cf. pp. 28-29). Aqui o autor não deixa de discutir, embora sem explorar a suas implicações

críticas, o curioso movimento epicurista de “parênklesis”, ou “declinação”, introduzido com o fito de explicar o acaso (p. 31). Epicuro concebe a natureza como se diversificando por força da “parênklesis”, que consiste em desvios imponderáveis na trajectória e combinatória dos átomos (p. 36).

Apesar da escassez do material textual, a concepção epicúrea do corpo é recuperada e exposta pelo autor. Segundo a sua excelente caracterização da concepção epicúrea do conhecimento, “o corpo é um modo de conhecimento” (pp. 47-48). Não conhecemos senão pelo corpo, que nos permite representar a natureza e experienciar o prazer e a dor. O equilíbrio da alma é também o equilíbrio do corpo no exercício dos prazeres, segundo a noção de “eutastheía” ou “boa-disposição” (p. 53), que vai fazer conjunto com as noções de autarquia e de *phrónesis*. Juntas enunciam o equilíbrio próprio da vida sábia. Há, assim, que ligar a filosofia não só à ética, como também à medicina, ao estudo dos humores corporais, à dietética e à ginástica (p. 58), como exercícios fundamentais do saber.

A alma, princípio de movimento e de percepção, é constituída por átomos materiais mais subtis e ligada ao corpo como um corpo dentro dum outro corpo e, por isso, pertença integral da *phýsis* (cf. p. 39). O movimento deriva da ligação intersticial da alma ao corpo, ao passo que o conhecimento resulta da afecção do corpo, que se desenvolve em *prolépseis*, ou impressões e memórias como sulcos físicos deixados na ordenação dos átomos subtis da alma. Mas o conhecimento depende de um elemento ainda mais surpreendente, a saber, o *salto* (“*epibolē*”) que é o pensamento (p. 62; cf. tb. p. 82 n.10). “O pensamento «salta» adiante do empiricamente demonstrável” (p. 66) e então, para poder representar o que não é dado nem na afecção sensível nem na recordação, recorre ao “artifício da analogia” (pp. 66-67).

O autor expõe a concepção de Epicuro e de Lucrecio sobre as partes da alma, que servem para explicar as suas diferentes actividades. No seu ponto mais subtil, a alma é “o *animus*, ou *to lógikon* [que] é por Lucrecio considerado «a alma da alma»” (p. 70). Este é o elemento que, juntamente com o salto, transcende todo o “termo de comparação” (ib.) na natureza externa, onde não há hiato comparável.

Este acto ou operação do “*animus*” lucreciano denomina-se em Epicuro “*logismos*”, pelo qual se abre o domínio da *phrónesis* e nos aproximamos finalmente da sabedoria libertadora. *Phrónesis* é o nome da sabedoria prática que permite conduzir a vida segundo os princípios da autarquia e do equilíbrio, cuja expressão é a *ataraxía* própria do sábio (p. 77) e cuja imagem é “a superfície do mar quando está tranquilo”, ou seja, “*galenismós*”

(p. 78). A ataraxia consiste em “agir sempre, e jamais reagir” (p. 79). Reagir é paixão, sofrimento, ao passo que o prazer é o exercício de si.

eticamente, a autarquia comanda fugir da vida pública: “vive obscuro” (p. 89). É esta impassibilidade que permite a liberdade (*eleuthería*) e a *phília*, que conjugam o exercício da vida sábia e o modo de vida conforme à natureza (cf. p. 90). A amizade, exercício vital fundamental, permite uma comunidade de homens livres, onde as acções têm um sentido em si mesmas, e é “ultrapassa[da] a perspectiva de que as acções têm o sentido fora delas, [como...] uma projecção de felicidade, ou [de...] finalidade para a qual as acções sejam apenas meios” (p. 98). O prazer mais satisfatório é o exercício imanente da vida. O verdadeiro prazer é, finalmente, a filosofia.

Apresentando um percurso breve acerca do pensamento de Epicuro, o livro em apreço é sem dúvida de recomendar como introdução filologicamente informada ao pensamento de Epicuro, e levanta uma pequena ponta de todo um mundo de pensamento que caracterizou a filosofia pós-aristotélica onde, desagregada a clássica identidade feliz na pólis, todo o pensamento se dirige à filosofia entendida como guia prático para a vida feliz.

A par de diversos conceitos já vulgarizados da filosofia antiga, como átomo, *práxis*, *ataraxía*, *hedoné* ou autarquia, entre outros, a obra de Markus Figueira da Silva faz relembrar alguns conceitos menos pisados, e que bem poderiam merecer maior pormenor no seu estudo filológico e histórico-filosófico, como sejam as estimulantes imagens-conceito do pensamento como “salto” (*epibolé*), do “*animus*” lucreciano como a “alma da alma”, ou da serenidade filosófica que só o mar profundo quando em paz pode reflectir, cujo nome helénico é “*galéne*”.

DIOGO FERRER

Soares, Carmen, Dias, Paula Barata (coords) *Contributos para a história da alimentação na antiguidade*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012. 113 pp. ISBN: 978-989-721-007-5.

A investigação acerca da alimentação na Antiguidade Clássica, seus modos de ser, seus critérios dietéticos e gastronômicos, suas interdições religiosas e políticas vem ganhando a cada dia maior interesse como um campo de estudo interdisciplinar, no qual a contribuição da história, da antropologia, da história das religiões, da filosofia, da crítica e teoria